

A REVOLUÇÃO RUSSA A CONTRAPELO: NÉSTOR MAKHNÓ, UM COSSACO LIBERTÁRIO

Nicolau Bruno de Almeida

Resumo: De 1917 a 1921 se organiza, no sul da Ucrânia, um movimento de camponeses pobres liderados pelo militante comunista libertário Néstor Ivanóvitch Makhnó, que ficou conhecido como a *makhnovitchina*. Este texto busca retratar algumas passagens da vida Makhnó, sua origem como militante do grupo comunista libertário de Guliaipole, seus oito anos de prisão e passagens de sua trajetória como organizador do *soviet* de camponeses de Guliaipole e região, em 1917. Assim como, a tomada das terras pelos camponeses e a construção das comunas agrárias, autônomas e federadas. Makhnó, depois dirigente e organizador da guerra de guerrilhas do Exército Insurgente Revolucionário da Ucrânia, ou o exército negro, que se encontra sistematicamente cercado entre repressões, ocupações militares por parte tanto de forças como o exército alemão, nacionalistas ucranianos, o exército branco e o Exército Vermelho. Sua trajetória é reveladora de um itinerário fascinante do movimento anarquista, um mosaico de dissidências anti-autoritárias, que habita uma história oculta do primeiro período Revolução Russa.

Palavras chave: Nestor Makhno - Makhnovitchina - Revolução Russa - Anarquismo - Comunismo Libertário

"Sem a participação das forças locais, sem uma organização, desde abaixo, de camponeses e de trabalhadores por eles mesmos, é impossível construir uma nova vida. Parecia que os *soviets* iam precisamente servir para cumprir esta função de criar uma organização desde abaixo. Mas a Rússia se converteu numa República Soviética só no nome. A influência do 'partido' sobre a gente, (...), já destruiu a influência e a energia construtiva que tinham os *soviets*, essa promissora instituição. No momento atual, são os comitês de partido, e não os *soviets*, que levam a direção da Rússia. E sua organização sofre os defeitos de toda organização burocrática."

P. Kropótkin "Carta à Lênin"(1920)

Néstor Ivanóvitch Makhnó (1888-1934) representa de certa maneira, uma má consciência da história oficial da Revolução russa e uma voz dissonante dentro do triunfalismo. Nascido na cidade de Guilaipole¹ na região antes denominada Ekaterinoslav, chamada desde 1926, de Dnipropetrovsk. Beira a região sul do rio Dniepr, um longo rio que atravessa quase a totalidade do território da Ucrânia. Diga-se de passagem, a Ucrânia possui

¹ Difere da escrita utilizada pela reedição de *A revolução russa*, Maurício Tragtenberg (Tragtenberg, 2007: 111). Segundo Alexandre Skirda, Guliaipole quer dizer campo de feira, de passeio "seu nome advém do fato de que, depois de tempos imemoriais, feiras muito frequentes, reputadas na região, ali tiveram lugar." (Skirda, 1985: 27) [Todas as traduções do inglês, do francês, do russo e do espanhol livremente traduzidas pelo autor. N. B. A.]

uma singularidade geográfica, situa-se como um território multi-fronteiriço. Uma encruzilhada, um lugar de passagem e de disputa que separa uma Europa oriental, (região onde faz fronteira com Hungria, Polônia, Eslováquia, Romênia e Moldávia) do enorme território russo. O próprio nome "Ucrânia", segundo alguns, deriva de "fronteira", "confim", "terras do fim", "no limite" e "imensidão". A região desemboca no entroncamento entre o mar de Azov e o mar Negro e portanto se localiza, entre a Criméia e a região de Donetsk.

A história da Ucrânia é a de uma infinidade de invasões, massacres e disputas. Néstor Makhnó é um estranho herdeiro deste legado que remonta aos levantes camponeses, comandados por cossacos insurgentes como Stenka Razin, no século XVII, e Emilian Pugachov, no século XVIII.

Alexandre Skirda, pesquisador francês da história do anarquismo, o chamou de: "o cossaco da liberdade". Segundo ele, existe uma genealogia subterrânea da história russa e ucraniana reveladora de uma cultura política de tradições democráticas e igualitárias populares que convivia, em permanente tensão, com as práticas totalitárias do tzarismo russo. Uma tradição da Rússia antiga chamada *vétché* que:

(...) corresponde a um tipo de espaço deliberativo, organismo principal de poder político de uma cidade. Todos os homens livres podiam participar, mas voluntariamente, sem serem obrigados (...) Todos podiam convocar a assembléia. (...) Todas as classe sociais participavam. (...) A participação era individual e se desconhecia a representação por delegados. Não havia quem presidisse os debates, aquele que convocava a *vétché* tinha a palavra. (Skirda, 2000: 12)

A raiz etimológica de *vétché* advém de *véchtchats*, que significa "falar" e no dizer de Pskov: "gritar". Tal qual um equivalente adaptado da *ágora* grega, tratava-se de uma assembléia que poderia reunir um vilarejo, uma aldeia ou uma região.

A *vétché* podia ficar sem se reunir mais de um ano, depois ter uma assembléia de uma semana ou duas, até que as questões fossem completamente abordadas ou que os opositores fossem convencidos. (...) As decisões não eram tomadas em maioria simples: era um velho costume eslavo, a necessária unanimidade ou uma muito forte maioria. (Skirda, 2000: 13)

A própria palavra "eslavo", vem de *slovo*, que também quer dizer "palavra", ou "aquele que fala". Assim, a imemorial tradição da *vétché* era uma prática popular de democracia direta, própria das comunas rurais russas, chamadas *mir*, que quer dizer: "paz", "mundo" ou "sociedade". Também chamadas de *obchtchina*, literalmente: "comuna". Esta

tradição de comunas rurais auto-geridas foram motivos de muitos debates dentro da cultura e da história social russa. Também K. Marx, que, em alguns textos apontava uma tendência para a adesão à mentalidade do pequeno-proprietário por parte do camponês, aderiu a esta perspectiva. Como coloca Skirda:

(...) no prefácio da tradução para o russo do *Manifesto Comunista*, em 1882, se faria partidário [do *mir*] e na sua famosa carta à Vera Zassoulitch: 'A atual propriedade coletiva poderia servir como ponto de partida para uma evolução comunista. (...) Esta comuna rural é o ponto de apoio da regeneração social na Rússia, mas para que possa funcionar como tal, é necessário primeiro eliminar todas as influências deletérias que lhe assediam por todos os lados e depois assegurar condições normais para um desenvolvimento espontâneo'. (Skirda, 2000: 29)

Para Skirda, existe uma forma de continuidade, alguma permanência de valores e de uma cultura específica dos Cossacos Zaporogos que pregavam um modo de ser e uma maneira de viver chamada a "vida livre", *volnizia*. Viveram exatamente na mesma região em que, muito tempo depois, vai se desenvolver o movimento makhnovista. Victor Serge, também compartilha desta análise: "Entre os camponeses ucranianos, o espírito de rebelião, a capacidade de organização, o amor pela liberdade local, a necessidade de contar apenas consigo mesmos deu nascimento a um movimento extraordinário vivaz e potente." (Serge, 1951: 131) Piotr Archinov, o historiador oficial do movimento makhnovista também comenta, o papel da noção cossaca de *volnizia*:

Um fato ainda mais importante na existência dos camponeses e operários da Ucrânia eram as tradições da *Volnizia*, que se perpetuavam desde os tempos mais antigos. Apesar do esforço dos tzares, desde Catarina II, para apartar do espírito ucraniano todo rastro da *Volnizia*, esta herança da época guerreira dos séculos XIV a XVI e dos campos zaporogos, os camponeses da Ucrânia conservaram até nossos dias um amor particular pela independência. (Archinov, 2013: 47-48)

Os cossacos² compunham um grupo social de matriz militar que vai exercer diversos papéis ao longo da história, como um exército do tzarismo ou uma tropa de mercenários, mais tarde mercenários de diversas tropas reacionárias, mas tanto à direita e à esquerda, sempre com certa tendência à autonomia organizativa, constituíam uma cultura paralela. Entre os zaporogos vai existir uma camada mais pobre, vulnerável a uma infinidade de marginalizações e que sofrerá repressões diversas. Desta camada de cossacos transformada

²[A palavra "cossaco" é de origem tártara e significa ao mesmo tempo "cavaleiro", "guerreiro livre", "vagabundo" e às vezes "rufião".]

em camponeses pobres, o makhnovismo seria, de certa forma, um herdeiro. *Volnitsia* também deriva de *Volia*, que quer dizer, ao mesmo tempo, "liberdade" e "vontade", "livre iniciativa" e "espaço infinito". Uma das consignas do makhnovismo seria a universal palavra de ordem camponesa: "*Zemlya i Volia*", "terra e liberdade".

Outra questão levantada por Alexander Skirda é o parentesco, sempre ocultado, entre *vétché* e o *soviet* moderno. Diz:

Não podemos nos privar, se buscamos neste estudo das tradições democráticas e igualitárias através da história da Rússia, de estabelecer uma filiação direta entre a *vétché*, o *mir* e o *artel* com a criação dos *soviets* (conselhos) no tempo da revolução russa de 1905, depois na explosão de 1917. Isto torna-se evidente porque no russo antigo *soviet* e *vétché* são sinônimos, no entanto, de acordo com nosso conhecimento, é a primeira vez que ela [esta filiação] é aqui estabelecida. Foi completamente ocultada por todos os historiadores seja da antiga URSS e da atual Rússia, seja entre os ocidentais que tem autoridade neste tema. (...) As similitudes de funcionamento são grandes: assembléias gerais permanentes, se não regulares, eleição de delegados, chamados antes de "*starostes*" depois "deputados", submetidos a um controle direto e revogável em caso de insatisfação. Será assim, em 1905, para os primeiros *soviets* de operários, soldados e camponeses, e novamente em 1917. Portanto, não era um fruto de uma geração espontânea, não saíam do nada, mas não era nada além da forma urbana do *mir* a mais adaptada a esta nova situação. (Skirda, 2000: 52-53)

Feito este primeiro preâmbulo, voltemos a Néstor Makhnó. Sua cidade natal, Guliaipole, era uma cidadezinha pequena, com 16 mil habitantes, ao sul da Ucrânia. Ficava a vinte quilômetros de Alexandrovsk, cidade um pouco maior. Tanto seu pai, quanto sua mãe foram servos de um certo Chabelsky, grande proprietário de terras da região. Até 1861 quando o Tzar Alexandre II aboliu a servidão camponesa. Porém, como era pequeno o lote da família, depois de trabalhar como jornalista e também como operário nas usinas Kerner, o pai doente volta a trabalhar nas terras do antigo mestre. Filho de camponeses pobres, Makhnó não conhece o pai, falecido quando tinha apenas onze meses.

O jovem Makhnó, passou a infância, neste período de transição de um feudalismo tardio, com as reminiscências de tradições, hábitos de violência dos *pomechtchiks*.³ Sua mãe Edvokia Matveevna contava ao filho as lembranças dos castigos da servidão. Tendo sido, ela própria, duas vezes açoitada por patrões com quinze chibatadas de varas, por cada momento, que, por míseros três *kopecs*, se recusasse a trabalhar. (Makhnó, 2009: 23) Devido à penúria, a mãe, com cinco filhos, chega entregar Makhnó para a adoção a uma família rica da região.

³ [Como se designavam os senhores de terra, os oligarcas ricos da região.]

Passadas apenas algumas semanas, durante uma visita, lhe descobrem desnutrido, maltratado pela família adotiva. Edvokia, depois das súplicas dos irmãos, "com lágrimas e não com palavras", resgata o filho.

Makhnó descreve, nas suas memórias, um fato marcante. Ainda com treze anos, em 1902, trabalhando como cocheiro, assiste ao espancamento de seus colegas jovens trabalhadores do estábulo, por filhos dos nobres da região. O que parece um breve assédio torna-se subitamente em uma violenta agressão contra os cocheiros. Ninguém reage, até que Makhnó escapa despercebidamente e chama um trabalhador mais velho. "Batko (pai) Ivan se precipita para fora tomado de um acesso de loucura, desagasalhado e de tesouras na mão. Segui-o sem dizer uma palavra, atravessou o pátio correndo e entrou dentro do estábulo." Ivan ataca "como um leão" os agressores, todos gritam "Até quando os mestres vão nos maltratar?" Depois, Ivan diria a Makhnó: "Ninguém aqui deve aceitar a vergonha de ser espancado... E você, meu pequeno Néstor, se algum dia um dos senhores quiser lhe bater, toma o primeiro garfo que lhe tombar sobre as mãos e lhe crava dentro." (Makhno, 2009: 28-29) Makhnó revela: "É desta época que comecei a sentir uma cólera, um ressentimento que chegava até o ódio contra o *pomechtchik*, sobretudo seus herdeiros." (Makhno, 2009: 27)

Em 1905, Makhnó é arrebatado pelos acontecimentos da revolução e se aproxima do grupo comunista libertário de camponeses de Guliaipole, próximos das correntes políticas conhecidas como anarco-comunismo ou comunismo libertário (de inspiração kropotkiniana), que reivindicava: a auto-organização dos camponeses e a construção de comunas federadas de trabalhadores rurais, o fim do tzarismo, do capitalismo e do Estado. Depois de 6 meses de formação no círculo de estudos anarquistas, através da leitura e do estudos de clássicos da bibliografia libertária, passa a integrar a militância organicamente e se emprega como operário, na usina Kerner para organizar os operários.

O grupo propaga, com um certo sucesso, as idéias libertárias entre os camponeses da região, edita e distribuí panfletos, mas também se preocupa em responder pela ação direta o terror governamental, inspirados pelos outros anarquistas do Império russo que decretaram o "*terror negro*" contra o tzarismo. (Skirda, 1985: 33)

Makhnó tinha ainda 17-18 anos, quando a organização passa para a luta armada. "Expropriar os expropriadores" era a palavra de ordem, também conhecida como "a propaganda pelo fato". Segundo Skirda, a partir de setembro de 1906 até 1908, pelos arquivos do tribunal militar de Odessa, se calcula 6 ações do grupo comunista libertário. "O dinheiro recuperado serve para desenvolver a propaganda e para prover com armas e bombas Viena,

Ekaterinoslav e Moscou." (Skirda, 1985: 34) Entre as ações, organizam-se três expropriações de dinheiro do dono da usina onde trabalhava o jovem Makhnó. Não muito tempo depois, sofre uma primeira detenção de 4 meses. De modo que, quando solto, tem de adotar um cotidiano em situação legal. Passa a organizar um círculo de estudos anarquistas com jovens camponeses de Botchani.

Até que o grupo comunista libertário suspeita da presença de dois possíveis infiltrados dentro da organização e chama uma reunião geral para debater o problema. No final da reunião, a casa é cercada por soldados e membros da *Okhrana*⁴ local. Os infiltrados se rendem, o que confirma a suspeita e o resto dos militantes permanece encurralado na casa. Tentam uma saída espetacular e abrem o caminho a tiros, acertando o vice-comissário da polícia local e alguns soldados. Na ação, um de seus camaradas, Procope Séméniouta é ferido. Tentam lhe carregar, durante a fuga. No entanto, decide por ficar, para retardar os policiais, enfrentando-os sozinho num tiroteio. Quando lhe faltava apenas uma bala, um tiro de misericórdia, se suicida.

Como retaliação para vingar a morte de seu companheiro Séméniouta, o grupo decide explodir a sede da *Okhrana*. Mas, durante a tentativa, são abordados por cossacos, o que termina em novo tiroteio. Ainda que tenha conseguido escapar, Makhnó é logo preso, assim como alguns de seus camaradas. O irmão de Procope, Alexandre Séméniouta depois de breve exílio na Bélgica, volta e executa o comissário de polícia Kariatshentsev, na saída de um teatro, com três balas. Séméniouta é morto, pouco depois, interceptado pela polícia num enfrentamento, enquanto incendeiam sua casa.

Makhnó é primeiramente sentenciado à pena capital, depois de um longo processo, por conta de sua juventude, sua sentença final é comutada para trabalhos forçados e prisão perpétua. "Uma vez dentro das celas, nos sentíamos como que sepultados pela metade numa tumba." (Makhno, 2009: 44) São oito duros anos de encarceramento, em condições subumanas, acorrentado, sem água, no gélido frio russo, com roupas imundas, sem nenhuma higiene pessoal, sofrendo violências, privações e graves doenças. Mas são anos de aprendizado, de estudos e tentativas de fuga. Também no cárcere, se encontram uma conjuração de militantes revolucionários, por exemplo: Archinov, Volin e Bodarenko - que são alguns dos que vão constituir mais tarde, entre tantos, a grande rede e o núcleo de militantes que ajudam a desenvolver o processo do movimento makhnovista.

⁴ [A polícia política czarista.]

Nos primeiros meses de 1917, Makhnó e seus companheiros são soltos pela revolução de fevereiro. "Eu saí na rua titubeando, desabitado à ausência das correntes que havia carregado por oito anos. Uma multidão imensa nos aguardava na saída da prisão e clamava gritando: 'viva a libertação dos presos políticos'." Hesita em ficar em Moscou e termina decidindo retornar à Guliaipole. "Estava convencido que apenas a tempestade revolucionária poderia me curar." (Makhno, 2009: 70) Chegado à Guliaipole, depois de 9 anos de ausência, em apenas um mês, ajuda a constituir a primeira União Camponesa Pobre de Guliaipole, assim como, passa a tentar construir outros *soviets* camponeses nas cidades vizinhas. Makhnó formula assim seu impulso de agitação e organização: "Era preciso ir até a massa, organizá-la, criar a revolução com ela, ou então se abster e renunciar à revolução social. Não poderíamos mais nos contentar em fazer brochuras, jornais e organizar comícios." (Makhno, 2009: 113) O mesmo se dá com o operariado da região e nesse sentido, o grupo comunista libertário tenta reunir os mais combativos. O que também, logo, resulta na preparação de uma greve, momento em que Makhnó é eleito representante sindical, mesmo que a contragosto.

Antes de estourar a greve, os operários, reunidos em assembléia geral, pedem para ele [Makhnó] elaborar e apresentar suas reivindicações aos patrões. Depois de uma longa discussão comum, convoca-se os patrões e se pede um aumento de salários de 80 a 100% sob a ameaça de greve total e imediata. Furiosos, os patrões recusam; dá-se um dia de reflexão; e assim, voltam no dia seguinte com uma proposta de 35 a 40% de aumento. [Makhnó] "Considera esta proposta como uma ofensa direta" e os convida a refletir um dia mais. Durante este tempo se acerta com os comitês de fábrica e os representantes das oficinas, para deflagrar a greve, no mesmo instante, por todos as partes, no caso em que os patrões recusem novamente suas condições. Propõe aos operários realizar a expropriação imediata de todos os capitais que estejam nas empresas e no banco de Guliaipole, no sentido de desarmar completamente a burguesia local e prevenir uma eventual ação das autoridades contra os grevistas, tudo isso no sentido de tomar eles próprios o controle das empresas. (...) No dia seguinte os patrões voltam e, depois de duas horas, propõem um aumento maior, mas ainda assim inferior àquele pedido (...) Makhnó lhes declara que as negociações estão rompidas e suspende a sessão. Neste instante, Kerner, o mais rico dos empresários, antigo patrão de Néstor e de seu pai Ivan, como uma velha raposa, fareja que o caso vai terminar mal e diz com pressa: "Néstor Ivanóvitch, você se apressa em suspender a sessão. Considero que as reivindicações dos operários são justificadas. Que nós os satisfaçamos naquilo que tem direito e, da minha parte, assino imediatamente". (Skirda, 1985: 51-52)

Durante uma reunião do recém criado *soviet* de Guliaipole, enquanto discutiam os acontecimentos que atingiam toda a Rússia com a revolução de fevereiro e o ataque do general branco Kornilov à Petrogrado, Makhnó propunha a coletivização imediata. Havia passado, estes primeiros meses, construindo espaços de auto-organização política e

difundindo propostas de abolição do monopólio dos meios de produção entre camponeses e operários. Defendia entre seus companheiros: "Os camponeses poderão abordar a reforma agrária e declarar a terra propriedade coletiva, sem esperar que o governo se ocupe de um problema que é antes deles próprios." (Makhno, 2009: 78) Depois de outubro, Makhnó havia sido eleito como presidente do *soviet* de Guliaipole e sua proposta era "desarmar toda a burguesia local e abolir seus direitos sobre os bens do povo: terras, fábricas, usinas, gráficas, teatros, cinemas e outras empresas públicas, que seriam agora colocadas sob o controle coletivo dos trabalhadores." (Skirda, 1985: 53) Por aquele instante, o comitê de defesa da revolução adota a resolução de suprimir os pagamentos dos pequenos agricultores aos senhores de terras e tomar-lhes o controle das terras, de todo o material de construção e das ferramentas de trabalho. Makhnó dizia:

Visitem as propriedades dos *pomechtchiks* [grandes proprietários], dos *kulaks* e dos ricos colonos alemães da região, tirem destes burgueses suas armas, suas carabinas, seus fuzis, o chumbo e as balas, as espadas. Mas não os ofendam de maneira alguma, nem por gesto nem pela palavra. (Makhno, 2009: 117)

As terras coletivizadas eram transformadas em comunas agrícolas auto-geridas pelos camponeses. Skirda descreve um pouco o que seria o cotidiano das comunas:

(...) muitas grandes propriedades e latifúndios são coletivizados; se instalam comunas agrícolas compostas de famílias sem terra e pequenos grupos de afinidade. Cada comuna agrupa aproximadamente duzentas pessoas. Há um grande número de comunas na região. (...) Estas comunas libertárias são fundadas sob o princípio de igualdade e de solidariedade entre todos os seus membros (...) a cozinha e o refeitório são comuns, mas cada um tem a possibilidade de se alimentar individualmente, com a condição de prevenir a tempo. Todos se levantam cedo e se põem ao trabalho. Em caso de ausência, o membro da comuna tem de prevenir seu vizinho mais próximo de maneira a ser substituído. O plano de trabalho é estabelecido de comum acordo pelas assembléias gerais. (...) Como membro de uma destas comunas Makhnó participa dois dias por semana aos trabalhos: no momento da semeadura e na primavera, na colheita, nos trabalhos da fazenda ou também como mecânico e eletricista (...). (Skirda, 1985: 53-54)

Segundo Skirda, logo haveria alguma discórdia dentro das comunas, mal entendidos entre os camponeses, isto fazia parte. Mas a produção se manteve por um período. A prática militante do grupo comunista libertário de Makhnó, parece se sintetizar neste breve relato:

Desde o fim do mês de agosto, os camponeses haviam compreendido,(...) E mais nos compreendiam, mais acreditavam em si próprios, no papel que lhes cabia na revolução: abolir o direito à propriedade privada das terras, declarar a coletivização de todos os bens, depois chegar a um entendimento com os

proletários das cidades e abolir toda a forma de privilégio e toda possibilidade de dominação social. (Makhno, 2009: 114)

Durante um ano, desenvolveram-se diversas comunas agrárias de camponeses pobres auto-geridas pelos trabalhadores. Sob o grito de "todo poder aos *soviets*" e "a terra para os camponeses e as usinas para os operários", sob o signo da igualdade, da solidariedade e do trabalho livre. Segundo Archinov: "sua região se converteu na alma do movimento camponês que tomava as terras dos latifundiários". (Archinov, 2013: 57) Skirda destaca o trabalho de produção e solidariedade entre campo e cidade:

Igualmente significativa é a obra da seção de abastecimento do *soviet* de Guliaipole. Tomam contato com as usinas têxteis de Moscou e de outras cidades, no sentido de instituir trocas diretas entre as fazendas, granjas e as fábricas. Apesar das dificuldades criadas pelas "novas autoridades" centrais, uma coalizão entre bolcheviques e SR de esquerda (...) que não toleram trocas entre cidade e campo que não transitassem pelos organismos de Estado. Dois carregamentos foram encaminhados de trem, muitos vagões de trigo e farinha, e de outro, vagões de tecidos correspondendo aos pedidos da seção de abastecimento do *soviet*. (Skirda, 1985: 56)

Naquele momento, Makhnó formula seu posicionamento com relação ao papel dos anarquistas, da seguinte forma: "Nós anarquistas, devemos, independente do paradoxo, tomar a resolução de formar um *front* único com as forças governamentais. Fiéis aos princípios anarquistas, nós saberemos superar todas as contradições (...)" (Skirda, 1985: 57) Em dezembro, o governo bolchevique cria a sanguinária polícia política: a *tcheká*, sigla em russo para "comissão extraordinária".⁵

4 de janeiro, um destacamento de aproximadamente 900 homens é formado, sendo trezentos do grupo comunista libertário de Guliaipole. O irmão mais novo de Néstor, Savva Makhnó, é eleito comandante da tropa e partem de trem para Alexandróvsk, para juntar-se as tropas do Exército Vermelho, dirigidas por Bogdanov. Sem estrutura financeira e na medida que reivindicavam a autonomia de sua região, Makhnó foi eleito o presidente do comitê militar de defesa da revolução que decide, por unanimidade, expropriar 250.000 rublos do banco local, reclamados pelo *soviet*. Esta quantia é repartida, sob a iniciativa de Makhnó por órfãos de guerra, que habitam no antigo imóvel da delegacia de polícia, a seção de abastecimento do *soviet* e o resto para as necessidades do comitê revolucionário.

Em fevereiro de 1918, há uma desmobilização do exército russo e o exército austro-alemão avança com uma forte ofensiva.

⁵ [A *tcheká*, foi a primeira denominação desta instituição de controle político do regime soviético, depois passou a se chamar NKVD, depois GPU e finalmente KGB.]

A retirada das tropas russas dura mais de um mês. (...) a partida do Exército Vermelho, se transformava em uma verdadeira derrota, os territórios abandonados eram, na maior parte das vezes, ocupados, no mesmo dia, pelo inimigo. A população revolucionária não tinha sequer o tempo de se organizar em unidades de combatentes. (Makhno, 2009: 200)

Estas tropas chegam a 150 km da capital, Petrogrado, criando uma situação ameaçadora para o regime bolchevique. Em 3 de março de 1918, é assinado o acordo de Brest-Litovsk, decretando o reconhecimento oficial da independência da Finlândia, da Polônia, dos países bálticos e da Ucrânia, que se reduziram ao protetorado alemão e à vitória das oligarquias independentistas. Uma forma de negociar a paz com os países imperialistas, para os bolcheviques, era preciso ganhar tempo. O exército austro-alemão, guiado por aliados brancos locais e senhores de terra, vão aterrorizando os camponeses revolucionários, desencadeando uma sangrenta onda contra-revolucionária. Entram na Ucrânia com 600.000 soldados. Enquanto Makhnó tenta agrupar, em Guliaipole, a constituição de batalhões e companhias, mas conta apenas com 1.500 voluntários. Consegue 3.000 fuzis e passa a recrutar voluntários em outras cidades. Em Aleksandrovsk, pede-se a vinda do destacamento de cavalaria dos grupos comunistas libertários de Guliaipole. Chegariam triunfantes, desarmando os cossacos e clamando para juntarem-se aos insurgentes.

Para a organização da resistência, Makhnó é solicitado no Estado-Maior Vermelho, em Egorov, com o comandante geral do *front*. Durante sua difícil tentativa de deslocamento, estando as tropas inimigas na região, é informado da ocupação militar de Guliaipole por nacionalistas ucranianos junto com os antigos latifundiários. Ávidos por reaver o território tomado pelos camponeses pobres e aproveitando-se da frágil resistência de uma companhia militar do *soviet* que havia permanecido na cidade, prendem todos e ocupam militarmente a região. A novidade arrasa Makhnó e ao fim de abril, reagrupadas as tropas insurgentes, em Taganrog, uma conferência reúne os anarquistas de Guliaipole. Decide-se por dividir o grupo remanescente, em vista da presumível repressão que atingiria os insurgentes e da necessária volta à clandestinidade. Alguns vão realizar uma peregrinação de reconhecimento do movimento anarquista nas outras regiões da Rússia. Enquanto outros vão organizar uma rede de resistência clandestina nas aldeias e vilarejos locais.

Os bolcheviques, por obediência às condições do tratado de Brest-Litovsk, passam a desarmar as tropas, colunas e companhias de camponeses resistentes à invasão. O que causa revolta generalizada e conflitos sistemáticos entre bolcheviques e anarquistas. Em abril de

1918, explodem os ataques generalizados dos bolcheviques contra os anarquistas russos.⁶ O campo libertário fez pronta resistência ao tratado de Brest-Litovsk, o que abria margem para um processo de terror contra-revolucionário na Ucrânia, por parte dos reacionários contra as comunidades pobres. Ao mesmo tempo, em Moscou e Petrogrado, os anarquistas formavam guardas armadas, chamadas "guardas negras". A Federação Anarquista de Moscou realizava ocupações de imóveis abandonados para restaurantes populares, centros sociais de cultura e de apoio mútuo, ateneus libertários e moradia. O ataque mais violento do governo soviético e que representa a primeira onda de aniquilação do anarquismo russo, como diz Paul Avrich, se dá contra os mais desenvolvidos destes espaços:

(...) na noite de 11 e 12 de abril [1918], destacamentos armados da *Tcheká* assaltavam vinte e seis centros anarquistas da capital. A maioria dos anarquistas vão se render sem oferecer resistência, mas no monastério Donskói e na Casa da Anarquia, a guarda negra ofereceu uma forte resistência. Na luta caem uma dúzia de agentes da *Tcheká* e 40 anarquistas resultam mortos ou feridos, e mais de 500 prisioneiros. (...) pouco depois, a *Tcheká* fazia depuração similar em Petrogrado. (Avrich, 1974: 188)

Os bolcheviques alegavam perseguir apenas bandos armados que resistiam ao desarmamento, ditos "anarco-bandidos", mas não os ditos anarquistas "ideológicos". Ou seja, não aqueles que apenas "estudavam", ou "proferiam" a convicção anarquista. E no entanto, a diretiva se generalizava em perseguição massiva e em breve, os jornais anarquistas mais importantes são perseguidos. Em maio de 1918, em Petrogrado, são *Burevéstnik*, *Anárkiia*, *Golos Trudá*, três jornais anarquistas fechados. Logo, os bolcheviques caracterizariam todos os anarquistas como "contra-revolucionários".

Makhnó desembarca em Moscou - nova capital do regime, mais protegida que Petrogrado. Encontra-se, no subúrbio da cidade numa tarde, com Piotr Kropótkin, velho mentor do movimento anarquista russo, a quem pergunta o que seria importante fazer quando voltasse para Guliaipole. Kropótkin se recusa a responder, diz apenas: "Esta questão está ligada a um grande risco pra sua vida, camarada, e você, apenas você pode dar a resposta justa." (Skirda, 1985: 67)

Makhnó se desilude com os meios anarquistas urbanos e considera o movimento fragmentado e desorganizado. Conclui que em Moscou, em meio a proclamações, manifestos se pratica apenas uma "revolução de papel". Também se referindo, é claro, à burocracia

⁶ [O que demonstra que o extermínio de dissidentes políticos de esquerda se inicia muito antes dos processos de Moscou e da degenerescência burocrática stalinista, ainda quando L. Trótsky e V. I. Lênin, mantinham sua atuação.]

bolchevique. Diz: "Havia terminado o tempo de dar conselhos as massas à distância." (Skirda, 1985: 67)

Ainda, em Moscou, Makhnó se encontra com Vládimir Ílitch Lênin, no Kremlin, numa breve e insólita conversa. Lênin, foi paternal e receptivo, repetiu três vezes a indagação de como receberam os camponeses a consigna de "todo o poder aos *soviets* locais", para entender bem a resposta. Makhnó diz que os camponeses entenderam a palavra de ordem:

(...) [com] a consciência e a vontade dos trabalhadores de agir por eles mesmos, sem intermediários, de tal forma que os *soviets* dos vilarejos de distritos e as regiões possam se tornar, nada mais nada menos que unidades de agrupamentos revolucionários e de autogestão econômica de trabalhadores em luta contra burguesia e seus lacaios. (Makhnó, 2009: 288)

Lênin diz que era porque os camponeses "estavam contaminados pelo anarquismo". "Isto é ruim?" pergunta Makhnó. Lênin coloca que é um mérito da agitação dos anarquistas, e, no entanto, são fracos demais para resistir à contra-revolução. Depois, passa a falar da "coragem dos guardas vermelhos em defender as conquistas comuns". Makhnó lhe apostrofa com o episódio do desarmamento forçado dos insurgentes e o recuo das tropas vermelhas na Ucrânia, depois do tratado de paz. E pontua que "a guarda vermelha atuava reduzida apenas a 15 km de distância das vias férreas" e que isso colocava as comunidades revolucionárias distantes da ferrovia, absolutamente isoladas e vulneráveis à contra-revolução. A conversa logo caminha novamente para a questão das divergências de Lênin com o anarquismo, segundo o testemunho de Makhnó:

Os anarquistas são sempre cheios de abnegação, (...) prontos a todo tipo de sacrifício, mas seu fanatismo os cega, negam o presente para se preocupar apenas com o futuro distante. (...) Se um terço dos anarquistas fosse como você, nós comunistas estaríamos prontos a colaborar com eles, sob certas condições, para a livre organização dos produtores. (...) a maioria dos anarquistas apenas pensam e escrevem sobre o futuro e esquecem-se do presente. (...) Eu lhe declarava que não era nada além de um camponês sem instrução e que não podia disputar uma opinião tão sutil que vinha de colocar o camarada Lênin "Mas que devo dizer que seu juízo dos anarquistas que não pensariam no presente não tem nada que ver comigo, nem com os anarquistas que conheço, que é um juízo equivocados (...) os anarco-comunistas da Ucrânia, ou do sul da Rússia, como vocês a denominam, (...) toda a campanha ucraniana contra a *Rada* central foi desenvolvida com idéias anarco-comunistas e, em parte, SR de esquerda (...) Vocês bolcheviques estão ausentes do campo ou, onde nos encontramos, sua influência é nula. (...) Nós entendemos o presente e tentamos com todas as nossas forças, com certeza, de nos aproximar através dele do futuro, ao qual nós pensamos também muito seriamente." (Makhnó, 2009: 291-292-293)

Quando Makhnó volta para Guliaipole, descobre os trágicos acontecimentos durante a ocupação. Os latifundiários *pomechtchiks* aproveitam a ocupação militar para realizar retaliações seletivas contra os revolucionários. A família de Makhnó torna-se um dos alvos principais.

Cercaram a fazenda de minha velha mãe, lhe chutaram de sua casa, depois lançaram bombas dentro. Quebraram todos os vidros, arrancaram as portas, encheram de palha a casa e incendiaram todas as dependências: o estábulo para os carneiros, o depósito e a garagem. (...) (Makhno, 2009: 314)

Seu irmão mais novo Savva Makhnó, ferido na guerra e inválido, tem sua casa também incendiada e é fuzilado na frente de sua mulher e de seus cinco filhos pequenos. (Archinov, 2013: 57) Reza a lenda que sua mãe cuspiu na cara do comandante da tropa. E assim foi em todas as fazendas onde haviam militantes revolucionários, reinsertos na clandestinidade.

O exército austro-alemão, junto com os latifundiários locais, fuzilavam os camponeses insurgentes, no meio da cidade. Um camarada militante anarquista, conhecido como Chepel, assassinado, na praça principal, grita enquanto o preparam para a execução: "Hoje, vocês me fazem pagar minha dedicação aos meus irmãos trabalhadores. Por este assassinato cego e covarde, vocês nos clamam, nós, anarco-comunistas à vingança. Eu morro pela verdade da anarquia, sob os golpes da contra-revolução." (Makhno, 2009: 316)

Makhnó prepara grupos guerrilheiros e planeja ataques à bomba, sabotagens contra o Estado Maior austro-alemão. Para Archinov, "a *makhnóvitichina* nasce na época intempestiva da vida ucraniana, no verão de 1918, quanto todo camponês ansiava por rebelião". (Archinov, 2013: 82)

Os comunistas libertários se organizam em pequenas células, ditos "grupos de iniciativa" de três a cinco membros, estritamente autônomos mas coordenados entre eles por delegados, ligados a uma coordenação geral. Para, no momento certo, criar destacamentos e batalhões livres. Ao mesmo tempo, o exército invasor cria destacamentos que atuam como expedições punitivas exclusivamente voltadas para a caça dos revolucionários e revoltosos. Os latifundiários foram se agrupando em torno das tropas de *hetman* Skoropadski, depois com Denikin e com Wrangel.

Makhnó intitula o período de julho à dezembro de 1918 como: "a insurreição camponesa na Ucrânia". Segundo Archinov, três meses depois de sua chegada, Makhnó organiza uma rede de guerrilheiros que se estende num campo de ação militar que passava por

Lozovaia, Berdiansk, Mariopol, Tangarog, Lugansk, Grichino, Ekatorinoslav, Aleksandrovsk e Melitopol.

A rapidez era a particularidade da tática de Makhnó. (...) Rápido como o vento, sem medo ou compaixão, chegavam numa propriedade, matavam os inimigos dos camponeses e desapareciam. No dia seguinte faziam o mesmo a 100 km de distância e uma tropa guarda nacional aparecia morta (...) Makhnó e seus partidários eram inalcançáveis, faziam, em 24 horas, marchas impossíveis para as cavalarias regulares. (...) Makhnó, vestido de uniforme da guarda nacional, se mesclava com um pequeno número de guerrilheiros, entre as tropas inimigas, se informava de seus planos e disposições, se punha depois em marcha com um destacamento da guarda nacional perseguindo a si mesmo e logo, no caminho, eliminava seus inimigos. (...) (Archinov, 2013: 59)

Segundo Paul Avrich, numa ocasião "Makhnó e seus homens, disfarçados de guardas *hetmanitas*, saltaram o teto da casa de um latifundiário e caíram no meio de uma festa." (Avrich, 1974: 217) Victor Serge conta que "pegavam as armas do inimigo. Seus insurgentes, às vezes, marchavam para a batalha com um fuzil para dois ou três homens, o fuzil passava logo da mão de um morto para um vivo." (Serge, 1951:131) São infundáveis os relatos de bravura destes "combatentes revolucionários anônimos da grande família camponesa", como diz Makhnó. (Makhno, 2009: 73) "Quando encontravam-se cercados, os *makhnovitsy*, escondiam suas armas e voltavam solitários para suas aldeias, para novamente começar a trabalhar no campo, a espera de um sinal para desenterrar as armas e aparecer em nova zona de operações." (Avrich, 1974: 217)

Em novembro de 1918, há um armistício e as potências centro-européias retiram o exército ocupante da Ucrânia. Makhnó saqueia grande parte das armas dos invasores em retirada, e passa ao ataque contra os nacionalistas ucranianos. Depois de uma dura batalha, que se prolonga por três dias, liberta primeiro Guliaipole, ocupada pelo *hetman* Skoropadsky. Depois, toma as cidades de Chaplino, Grichino, Sinelnikovo, chegando até Pavlogrado. (Archinov, 2013: 83) Mas quando partia, em direção à Ekaterinoslav, se depara com tropas ocupantes, liderados por Petliura.

A primeira retomada de Ekatorinoslav é extravagante, reza a lenda que as tropas de Makhnó irrompem na cidade dentro de um trem, com as armas escondidas debaixo das vestimentas, desarmando-os de surpresa e expulsando-os. Os petliuristas retornariam, no dia seguinte, com reforços, retomando novamente a cidade. Makhnó precisa recuar para Guliaipole e, alguns meses depois, o Exército Vermelho dá cabo de expulsar a Petliura de

Ekatorinoslav. Em janeiro de 1919, se dá, em Kiev (capital), o enfrentamento principal entre a Petliura e os bolcheviques (Archinov, 2013: 79). Ao mesmo tempo, como coloca Paul Avrich:

Nos primeiros cinco meses de 1919, a região de Guliaipole esteve virtualmente livre de toda autoridade política externa. Os austríacos, os *hetmanitas*, os *peľuristas*, todos haviam sido expulsos, e nem os vermelhos nem os brancos eram suficientemente fortes para preencher o vazio. Makhnó aproveitou este momento de calma para tratar de reorganizar a cidade segundo as idéias libertárias. Em janeiro, fevereiro e abril, os *makhnóvtsy* celebraram uma série de congressos regionais de camponeses, operários e insurgentes para discutir questões econômicas, militares e para supervisionar a tarefa da reconstrução. (Avrich, 1974: 218)

Neste período, Makhnó reestrutura o movimento e, no Congresso de 12 de fevereiro, vota a mobilização voluntária para um corpo armado de Guliaipole e região, a criação do Conselho Militar-Revolucionário de camponeses, operários e insurgentes (ou guerrilheiros, conforme a tradução)⁷. A luta toma novas proporções, segundo Archinov, o exército makhnovista contava, neste momento, com 20.000 combatentes (Archinov, 2013: 88). Como diz Archinov: "Contrariamente aos *soviets* políticos dos bolcheviques e dos demais socialistas, os *soviets* livres dos camponeses e operários deviam ser órgãos de gestão direta social e econômica." (Archinov, 2013: 89) O conselho militar, submetido ao *soviet*, instância de democracia direta dos trabalhadores, passa a contribuir na reorganização das comunas anarquistas.

Cada comuna estava composta, geralmente por uma dúzia de casas, com um total de cem a trezentas pessoas. Ainda que apenas alguns se considerassem anarquistas, todos os participantes funcionavam sobre a base da plena igualdade, aceitando como lema fundamental o princípio kropotkiniano do apoio mútuo. O congresso regional de camponeses, operários e insurgentes emprestava o gado e as ferramentas agrícolas confiscadas das fazendas vizinhas da nobreza. (...) A primeira comuna que se organizou durante este período recebeu o nome de Rosa Luxemburg, a quem os camponeses politicamente mais conscientes admiravam como um dos mártires da luta pela liberdade e igualdade. (Avrich, 1974: 219)

Esta primeira comuna, ficava em Provs koyé, construída com as famílias mais pobres da região. Archinov comenta que "a vida interna da comuna não tinha nada que ver com a doutrina pela qual havia lutado Rosa Luxemburg", mas "testemunha a ausência de todo o espírito sectário entre seus organizadores." (Archinov, 2013: 85) Perto de Guliaipole, eram três comunas, nomeadas simplesmente: "comunas 1, 2 e 3 dos camponeses de Guliaipole". (Archinov, 2013: 86)

⁷[Ou guerrilheiros, conforme a tradução.]

No começo de 1919, há um novo avanço das forças contra-revolucionárias de Denikin, com uma infantaria e uma cavalaria potente que chegava pelo norte e se mobilizava muito rápido. Ocuparam uma série de estações ferroviárias, assim como as cidades de Berdiansk e Mariopol. "A partir deste momento, janeiro de 1919, se formou o primeiro *front* contra Denikin, um *front* no qual os makhnovistas resistiram durante 6 meses." (Archinov, 2013: 91) As tropas de Denikin recuaram até o mar de Azov e Criméia. Makhnó se apoderou de cem vagões de trigo, "(...) são enviados à Petrogrado e à Moscou, acompanhados de uma delegação makhnovista, que o *soviet* moscovita recebeu calorosamente." (Archinov, 2013: 92)

Os bolcheviques chegaram no *front*, apenas três meses depois que os makhnovistas resistiam combatendo os denikinianos. O primeiro encontro oficial entre bolcheviques e makhnovistas foi em março de 1919. Dibenko era o chefe da primeira divisão bolchevique que inicialmente pisa em Guliaipole. Makhnó é convidado a integrar, com todos seus destacamentos, o Exército Vermelho. No entanto, os makhnovistas se integrariam apenas mediante as seguintes condições:

- a) os guerrilheiros conservam sua antiga ordem interna;
- b) recebem comissários políticos nomeados pela autoridade comunista;
- c) Apenas se subordinam a um comando superior no que concerne operações de unidade estritamente combinadas;
- d) não podem ser afastados do *front* de Denikin;
- e) obtém munições e abastecimento iguais ao Exército Vermelho;
- f) mantém seu nome de Exército Revolucionário Insurgente e conservam suas bandeiras negras. (Archinov, 2013: 94)

O Conselho Militar-Revolucionário, segundo Archinov, representava o Estado Maior do Exército Negro Makhnovista. Uma tropa militar como as outras, no entanto, continha claros princípios libertários, que mantiveram independente da atuação conjunta com o Exército Vermelho:

O exército dos guerrilheiros makhnovistas estava organizado de acordo com três princípios fundamentais: o *voluntarismo*, o *princípio eleitoral* e a *autodisciplina*. O *voluntarismo* significava que o exército era composto apenas por combatentes revolucionários que nele entravam por vontade própria. O *princípio eleitoral* que consistia em que os comandantes de todas as unidades do exército, membros do Estado Maior e do conselho, assim como todas as pessoas que ocupavam no exército postos importantes em geral deviam ser eleitos e aceitos por guerrilheiros das seções respectivas e pelo conjunto do exército. A *autodisciplina* significa que todas as regras de disciplina do exército eram elaboradas por comissões de guerrilheiros, depois revalidadas pelas partes gerais do exército e rigorosamente observadas sob a responsabilidade de cada revolucionário e de cada comandante. (Archinov, 2013: 94)

Em abril, começam os conflitos com os bolcheviques. Primeiramente nas aldeias e vilarejos em que as comunidades rejeitavam a instalação das *tchekás*, as "comissões extraordinárias", polícia política bolchevique. Na imprensa oficial começa um amplo ataque contra o makhnovismo, qualificado de *kulak*, representantes da mentalidade do proprietário rural. A região do sul da Ucrânia é colocada sob alerta, bloqueiam as passagens, revistando e controlando o acesso de militantes revolucionários para as cidades do entorno.

10 de abril acontece o III Congresso do Conselho Militar-Revolucionário de camponeses, operários e guerrilheiros, com a presença de delegações de 72 distritos. Archinov fala de "uma massa de mais de 2 milhões" de camponeses presentes nos debates do congresso. (Archinov, 2013: 96) Ao fim dos trabalhos, recebem um telegrama que diz:

O "camarada" Dibenko declarou contra-revolucionário o congresso convocado em Guliaipole para o 10 de abril e colocou-o fora da lei e segundo ele, a seus organizadores devem ser aplicadas as medidas repressivas mais rigorosas. (Archinov, 2013: 99)

O Congresso volta aos trabalhos e redige uma resposta:

O congresso recebeu com assombro o telegrama do "camarada Dybenko" que o declarava "contra-revolucionário", quando foi essa mesma região, a primeira a levantar o estandarte da insurreição. Por isso o congresso votou um protesto enérgico contra esse telegrama. Tal é o quadro que deveria abrir-lhe os olhos "camarada" Dybenko, volte a si! Reflita! Tem você o direito de declarar contra-revolucionários mais de um milhão de seres humanos que por si próprios, com suas mãos calejadas, romperam as cadeias da escravidão e que constroem agora a vida, também por si próprios e de seus próprios modos? Não! Se são verdadeiramente revolucionários devem ajudar o povo a combater os opressores e a construir uma vida livre. (Archinov, 2013: 100)

A região passa a ser assediada pelo oficialato do governo comunista. Em 29 de abril, enviam o comandante da frente sul, Antonov-Ovseenko para Guliaipole, para conhecer Makhnó, o *front* makhnovista e as disposições guerrilheiras. Kamenev vem junto à delegação, guarda um "ar amistoso", se mostra "entusiasta da autonomia e da livre ação dos trabalhadores." (Archinov, 2013: 102) Segundo Victor Serge:

Trotsky vai relatar mais tarde, muito mais tarde (creio que em 1938...), que Lênin e ele próprio pensaram em reconhecer aos camponeses anarquistas da Ucrânia, dos quais Makhnó era o general, um território autônomo. (Serge, 1951: 129)

No entanto, ainda naquele mês, Makhnó desbarata o primeiro de diversos complôs organizados para seu assassinato, presumidamente organizados pela *tcheká*. Em maio, um telegrama chega ao quartel general dos makhnovistas: "O traidor Grigoriev entregou a frente inimiga. (...) Não se pode vacilar. Lhes peço que publiquem uma proclamação contra Grigoriev (...) a ausência de resposta será considerada uma declaração de guerra. (...) Kamenev." (Archinov, 2013: 105) Aqui, entra uma divergência militar mas também política, o Estado Maior do Exército Revolucionário Insurgente responde:

Deverão ser adotadas as medidas mais enérgicas para a conservação do *front*. (...) A honra e a dignidade nos obrigam a permanecer fiéis à revolução e ao povo e a luta entre Grigoriev e os bolcheviques não deve debilitar o *front* que os brancos tratam de forçar para de novo subjugar o povo. (Archinov, 2013: 106-107)

Os makhnovistas publicam uma declaração contra Grigoriev, mas também contra os bolcheviques.

Grigoriev é um traidor da revolução e inimigo do povo. Mas o partido dos comunistas bolcheviques não é menos inimigo do povo trabalhador. Porque sua ditadura provocou nas massas populares uma irritação e um ódio do qual se aproveita Grigoriev hoje, e do qual se aproveitará algum outro aventureiro amanhã. (...) Desde que chegaram os bolcheviques no poder e estabeleceram a ditadura de seu partido, e como partido do Estado se apressaram a estabelecer órgãos governamentais para dirigir o povo revolucionário. Tudo deve estar submetido e passar pelo seu controle vigilante. Todo intento de resistência, de protesto ou de iniciativa independente foi sufocado pela comissões extraordinárias [*tchekás*/ polícia política bolchevique]. (Archinov, 2013: 110-111)

Trotsky, que prometia na imprensa "varrer com uma vassoura de ferro os anarquistas da Rússia", passa ao ataque contra o makhnovismo, na altura do quarto Congresso Extraordinário dos camponeses, operários e guerrilheiros, em junho de 1919. A ordem No. 1824 diz:

(...) Dito congresso está dirigido contra o poder dos *soviets* na Ucrânia e contra a organização da frente sul à qual pertence a brigada de Makhnó. (...) 1o.) Proíbe-se de se constituir o dito congresso que não será permitido em nenhum caso. 2o.) Toda população camponesa deve ser prevenida oralmente e por escrito de que a participação em tal congresso será considerada como um ato de alta traição (...) 3o.) Todos os delegados deste dito congresso devem ser presos imediatamente e levados ante um Tribunal Revolucionário Militar. 4o.) Pessoas que difundam o manifesto de Makhnó devem ser presas. (...) ass. Trotsky, presidente do conselho militar revolucionário da República. (Archinov, 2013: 115)

Makhnó demora três dias para responder pedindo para ser destituído de seu posto de comandante de brigada em vista do absurdo da situação. O telegrama com a ordem de Trotsky teve efeito brutal, de acordo com Archinov:

Os bolcheviques se dedicaram a executá-la *manu militari* em todas as partes. As assembléias dos operários das fábricas de Alexandrovsk que tratavam do manifesto dos makhnovistas (...) foram dispersadas pela força das armas e declaradas fora da lei. (Archinov, 2013: 118)

Em setembro e outubro as tropas militares do makhnovismo conseguem aniquilar as tropas brancas de Denikin. Diz Archinov: "O aniquilamento da contra-revolução de Denikin constituía, no outono de 1919, uma das obras fundamentais do makhnovismo, e, também, ademais, de toda a revolução russa." (Archinov, 2013: 147) Com esta vitória durante uma semana, as tropas reagrupadas na região de Alexandrovsk, tropas makhnovistas e do Exército Vermelho se confraternizavam celebrando as vitórias. Combatiam um inimigo comum o capitalismo e a contra-revolução, porém, a trégua será breve.

Chega à comandância do Exército Insurgente outra ordem, agora para deslocar as tropas makhnovistas para a frente polaca. Os makhnovistas viram isto como uma manobra bolchevique para dispersar suas tropas e afastá-las da força que tinham na região, seus laços com as comunidades. A recusa do Exército Revolucionário Insurgente makhnovista de ir para a Polônia reiniciava as hostilidades.

Em 1920, novo ataque desta vez contra as tropas brancas lideradas por Wrangel. Os bolcheviques que passaram a caracterizar suas disputas com Makhnó como uma luta contra o banditismo, vão difundir a calúnia de uma presumida aliança secreta com Wrangel. Mas, no mesmo período, sai publicado na imprensa soviética que um mensageiro de Wrangel foi executado, em Guliaipole, por decisão da assembléia do *soviet* livre local.

Em julho-agosto, acontece, depois de muitas negociações que garantiam liberdades e autonomia para os makhnovistas, nova aliança entre bolcheviques e makhnovistas, propondo uma unidade de ação na campanha contra Wrangel. Assim que Wrangel é derrotado, em 1920, novamente surge uma ordem pedindo a extinção da brigada de Makhnó, que deveria se dissolver, como uma simples divisão, uma unidade regular dentro do Exército Vermelho. Dzerjinsky, comandante mais importante da *tcheká* que vai supervisionar pessoalmente os trabalhos de vigilância e informação do Donetz, escreve na época: "O barão Wrangel não esconde que é inimigo do povo. Makhnó é mil vezes mais criminoso e covarde" (Skirda, 1985: 233)

Despreocupados de Wrangel, os bolcheviques passam a caçar especificamente os makhnovistas, muitos militantes anarquistas são presos, alguns fuzilados. Os enfrentamentos do makhnovismo com o Exército Vermelho passam a ser constantes. Uma cavalaria de 1.500 homens interceptada pelos bolcheviques, durante a batalha, é reduzida a 250 guerrilheiros. Segundo Archinov, com uma tropa de 1.500, em outra ocasião, faz 6.000 prisioneiros vermelhos. Destes 1.000 querem integrar-se ao makhnovismo. Em outra batalha chega a fazer de 8.000 a 10.000 prisioneiros. (Archinov, 2013: 176) Makhnó e seus companheiros fuzilavam apenas os chefes, soldados de altíssima patente dos bolcheviques, libertando todos os soldados rasos, explicando a inutilidade dos conflitos e convidando-os a voluntariamente juntar-se à *makhnovitchina*.

Archinov conta como todo o Estado Maior do Exército Revolucionário Insurgente é atraído para uma reunião de negociação com bolcheviques que se demonstra uma armadilha, todos são fuzilados.

Depois de muitas repressões, numa batalha, Makhnó leva um tiro no pé, que esmigalhou todos os seus ossos. Já não conseguia montar a cavalo com a mesma habilidade. Com uma tropa de 1.500 realiza uma perigosa fuga, uma caçada promovida por 200.000 homens do Exército Vermelho. "Em 22 de agosto [1921] tiveram que ocupar-se novamente de mim, uma bala me perfurou a cabeça, entrando pela direita no queixo, um pouco mais abaixo da nuca e saindo pelo próprio queixo." (Archinov, 2013: 185) Segundo Skirda, tratava-se de uma bala especial, chamada "dum-dum", que se estilhaça dentro corpo. (Skirda, 1985: 254)

As divisões vermelhas haviam atravessado as aldeias insurgentes exterminando em massa os camponeses indicados como makhnovistas. Quando Makhnó consegue voltar para Guliaipole, descobre que na véspera, os bolcheviques fuzilaram trezentos habitantes da cidade em uma noite. (Archinov, 2013: 85) Em outra cidade, Novspasovka, houve outro massacre, a *tcheká*, obrigava as mães a abraçar os filhos, para no fuzilamento com apenas um tiro, economizar balas.

Makhnó parte exilado com sua família, destino da maioria dos sobreviventes. Terminou sua vida pobre, doente e esquecido, em Paris. Mas manteve uma obstinada atividade militante, contribuindo com viva polêmica entre seus contemporâneos acerca das perspectivas futuras do anarquismo e seu balanço do papel dos anarquistas na Rússia e sua defesa da organização da Plataforma. Há um grande debate sobre a herança de Makhnó, Voline que participou do movimento questionava:

Não se pode se criar ilusões. Seria insensato representar um movimento makhnovista isento de todo o pecado, se contentando unicamente com a luz e o heroísmo e seus animadores acima de toda falha, de toda crítica. (...) A "*makhnóvitchina*" foi realizada por homens. Como toda obra humana, ela não teve apenas suas luzes, mas também a suas sombras. (Voline, 2009: 682)

Victor Serge, em "O pensamento anarquista"⁸, de 1938, refuta as difamações de anti-semitismo direcionadas ao makhnovismo, (que são evidentemente falsas, basta observar seus documentos da época). Porém, caracteriza-o como "de certa maneira um ditador" e conclui que havia:

incontáveis erros em ambos os lados. Makhnó reuniu-se com os Vermelhos contra os Brancos, depois foi declarado um fora-da-lei, e depois foi novamente reconhecido pelo poder soviético. O maior de todos os erros, de toda a forma, deve se reconhecer como pertencendo ao mais forte. E eles estavam já numa inclinação escorregadia para o Estado autoritário. (Serge, 2015: 224)

Mas tentando localizar Victor Serge, logo se vê que mantinha, no final da vida, uma linha política ainda com distâncias e afinidades marcadas com os anarquistas russos. Makhnó sempre permaneceu, de maneira geral, um anti-autoritário. Em seu texto "O caminho da luta contra o Estado", formula:

A liquidação final do Estado não poderá ter lugar enquanto a orientação da luta dos trabalhadores não for a mais libertária possível, quando elaborem por eles mesmos suas estruturas de ação social. Estas estruturas devem tomar a forma de órgãos de auto-direção social e econômica, a de *soviets* livres (anti-autoritários). (Skirda, 1985: 426)

Parece interessante aproximar-se dos debates levantados por Anatole Gorelik quando concluía com uma espécie de visão anti-personalista de Makhnó:

A pessoa de Néstor Makhnó é um fenômeno interessante na revolução. Se original, cristalizado em uma íntegra e forte figura revolucionária que desempenhara um papel destacado na história da revolução russa, é uma mostra evidente de como se engendram e se desenvolvem as personalidades durante a revolução. Mas Makhnó não é um caso único na revolução russa. Os homens como ele formam legião. Néstor Makhnó é unicamente um representante mais destacado e mais conhecido destas originalidades. A história reconhece os seus méritos, e para a idéia anarquista são uma confirmação mais de que nos momentos de atividade da vida coletiva (revolução), os indivíduos destacados crescem e se desenvolvem entre as massas com uma celeridade incrível; e que quanto mais coletivo sejam estes levantamentos, tanto mais se desenvolverão e crescerão entre as massas e os indivíduos que fecundem a vida com sua força de criação e sua atividade.

⁸ Serge, Victor. "The anarchist thought", *La Crapouillot*, (jan. 1938). In *Anarchists never surrender* (2015).

(...) Makhnó não é mais que um entre a legião de seres geniais criados pela revolução russa (como por qualquer revolução) (...). (Gorelik, 2009: 148)

O que parece decisivo é que um determinado legado de Makhnó é um espectro que ronda as novas figurações do autonomismo e termina por tornar-se uma referência incontornável da tímida e frágil flor do espírito de independência dos movimentos sociais. Uma estrela vermelha e negra que relampeja para uma esquerda ainda praticante de pensamento crítico e que não teme superar as contradições do bolchevismo ou do anarquismo. Makhnó deixou no seu "Testamento aos trabalhadores de todo mundo" uma bela frase, parafraseando o bordão primordial da Primeira Internacional, dizia:

Lá onde as massas trabalhadoras não se deixem subjugar, lá onde cultivarem o amor pela independência, lá onde concentrarem e fixarem seu espírito e vontade de classe, criarão sempre seus próprios históricos movimentos sociais e agirão segundo seu entendimento. É isso que constituiu a verdadeira essência da *makhnovitchina*. (...)

Proletários de todo mundo, mergulhem dentro de suas profundezas, busquem aí a verdade, criem-na vocês mesmos! Vocês não vão encontrá-la em nenhum outro lugar. (Voline, 2007: 690)

BIBLIOGRAFIA

- Archinov, Piotr. *Historia del movimiento makhnovista (1918-1921)*. Buenos Aires, Tupac Ediciones/ La Malatesta, 2009.
- Avrich, Paul. *Los anarquistas rusos*. Madrid, Alianza, 1974.
- Gorelik, Anatol. *El anarquismo y la revolución rusa*. Buenos Aires, Anarraes, 2009.
- Makhno, Nestor. *Mémoires et écrits, 1917-1932*. Paris, Ivrea, 2013.
- Serge, Victor. *Anarchists never surrender, essays, polemics, and correspondence on anarchism, 1908-1938*. Oakland, PM Press, 2015.
- Serge, Victor. *Mémoires d'un révolutionnaire*. Paris, Seuil, 1951.
- Skirda, Alexandre. *Les anarchistes russes, les soviets et la révolution de 1917*. Paris, Les éditions de Paris, 2000.
- Skirda, Alexandre. *Les cosaques de la liberté, Nestor Makhno le cosaque de l'anarchie et la guerre civile russe 1917-1921*. Paris, Jean-Claude Lattès, 1985.
- Tragtenberg, Maurício. *A revolução russa*. São Paulo, Faísca Publicações Libertárias.
- Voline. *La révolution inconnue (1917-1921)*. Antony, Tops/H.Trinquier, 2007.